

D. SERAFIM, O CARDEAL DAS ALTEROSAS

Há dignidades que nem surgem da profundidade interior da pessoa nem se convertem em missão a serviço da comunidade. Vestem a vaidade vazia de desejos mundanos. Há outras que vêm coroar uma vida de entrega e serviço, e reforçam-na. Participam da "clara cum laude notitia", na feliz expressão de Cícero, sendo um "reconhecimento luminoso difundido com louvor" para alegria do dignitário e do povo a que serve. Ou ainda, de maneira mais profunda, é a face gloriosa da santidade escondida, conforme a maneira bíblica de entendê-la.

A dignidade de Cardeal, que reveste a pessoa de D. Serafim, leva-nos a meditar-lhe mais profundamente o sentido. Ela só merece ser considerada, porque brota de uma interioridade despretensiosa e é admirada por pessoas desinteressadas. Tão diferente de tantas outras, buscadas pela sofreguidão de honras mundanas ou atribuídas por cortesãos bajuladores.

Cardeal das Alterosas, reflete o silêncio recolhido das alturas. Trabalha sem alarde, na discrição própria dos genuínos mineiros. Não só na bandeira, mas no coração desse povo está escrito o sentimento da "libertas quae sera tamen". D. Serafim, apesar de dizer não "ser uma andorinha sozinha", porque se sente em comunhão com seus irmãos bispos da CNBB, preza, no entanto, sua liberdade e autonomia, não se prendendo a grupelhos de interesses, até mesmo eclesiais. Um dos riscos da avalanche individualista moderna e pós-moderna se manifesta no vincular os próprios interesses aos de grupos fechados no corporativismo, mesmo à custa de bens maiores. Só um espírito independente e livre consegue sobrenadar a essa maré montante.

Cardeal do pé-no-chão de seu povo. Afirmou na primeira Assembléia do Clero, a que presidiu como cardeal, que não pretende deixar seu cardinalato reduzir-se a enfeite e festa, mas quer realizá-lo "no cotidiano da vida do povo

que é o cotidiano de Deus". Vê nele um convite insistente de Deus para encontrar-lhe a presença profunda no dia-a-dia da Igreja. Considera-o um "dom de Deus à Igreja", como sinal da obrigação de entregar-se à Igreja de Belo Horizonte "usque ad effusionem sanguinis" — "até o derramamento do sangue"—, como lhe sussurrou o Papa ao ouvido, ao entregar-lhe o chapéu cardinalício. Dessa forma, a cor da púrpura perde o sentido de fausto para recordar o sangue do Primeiro Mártir Jesus e de todos os que o seguiram nesse derradeiro sinal de oblação.

Cardeal da proximidade simples. "Onde houver uma lágrima de tristeza ou de alegria lá quero estar para enxugá-la", confidencia em momento de ternura pastoral. "Vejo o meu cardinalato todo envolto pela misericórdia e bondade de Deus". Quando o poder cresce, a tentação é somar-se-lhe maior rigidez e intransigência. O Cardeal da simplicidade confessa o contrário, ao querer ser sinal da ternura de Deus.

O cardinalato afeta diretamente a pessoa que o recebe. No entanto, quando o cardeal preside a uma Igreja particular, esta ascende a nível maior de visibilidade nacional e internacional. E com razão! Nenhum bispo, sobretudo quando já vive numa Igreja há quase 40 anos, pode-se entender a si mesmo fora da relação com sua Igreja e esta, por sua vez, também recebe, por esse diuturno pastoreio, sua marca. É uma relação mútua. O bispo faz sua Igreja. A Igreja faz o bispo.

Nada melhor para entender o significado desse cardinalato que lançar um rápido olhar sobre o itinerário da Igreja de Belo Horizonte. D. Serafim tem repetido que a face da Igreja de Belo Horizonte é o Projeto Pastoral Construir a Esperança (PPCE), lançado na festa da Assunção de Nossa Senhora, em 1990. Naquele momento, ele o experimentava como "um sopro que veio avivar as chamas que ardem dentro de nós: de alegria e de esperança, de ânimo e de coragem". Era um chamado a todos "os católicos e a todas as pessoas de boa vontade para compreenderem melhor os desafios do presente, as aspirações das pessoas e das comunidades, e, assim, participarem mais ativamente da construção de uma nova sociedade".

Três opções fundamentais dão idéia da amplitude e significado desse projeto e marcam o momento eclesial de Belo Horizonte. Cada opção adquire ainda maior relevância, quando vista contra o fundo do momento presente.

A Igreja quer fazer-se presente na sociedade de hoje. Assim aconteceu com o conjunto da Igreja do Brasil, nas manifestações de seu episcopado e de líderes religiosos e leigos, nos anos escuros da repressão militar. Lá estava ela, na figura de membros destemidos e corajosos, quer na solidão de seus gritos, quer em grupo, quer em Assembléias maiores, a defender os direitos humanos dos perseguidos pelo regime. Voz profética, quase única durante anos. Voz perseguida até o silêncio brutal da força policial, do boicote da mídia, da calúnia, da prisão, da morte.

Os anos de democratização e do surgimento de vozes plurais no campo da reivindicação, da crítica, do protesto deixaram segmentos da Igreja perplexos, perdidos, recolhendo-se ao mundo das alegrias carismáticas. Espiritualidade, mística, retorno do sagrado, pastorais internas da Igreja pareciam definir a nova rota eclesial.

Nesse contexto, entende-se a importância de que uma Igreja do porte da de Belo Horizonte levante mais uma vez a bandeira de uma presença no mundo público, não se deixando fechar nos recantos piedosos da sacristia. É um tipo de presença diferente da de décadas anteriores. Perdeu muito do protagonismo. Aceita ser parceira e colaboradora de outras Instituições na defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana, sobretudo dos pobres. "A Igreja não está acima, nem na frente ou atrás do mundo. Está no meio, porque é uma instituição humana e social", expressava-se D. Serafim.

É uma presença que renuncia a atrelar a si o poder, as instituições civis e as do Estado, mas também não se entende presa subserviente a nenhum poder. Encontra na liberdade corajosa de seu Fundador, Jesus Cristo, o modelo de crítica ao poder mais opressor da época, a forma servil de obediência à Lei, imposta e mantida pelos grupos religiosos de então. A Igreja, entre os extremos, de um lado, de ser uma presença politizada e, de outro, puramente intimista, escolhe a "profética". Nesse sentido, lê-se num dos abundantes subsídios do Projeto, que "uma Igreja, que se fechasse no interior de seu reduto, na pura interioridade das consciências individuais, que proclamasse uma salvação meramente espiritual, sobrenatural para depois da morte, não faria jus à pessoa de seu Fundador, à sua práxis e à sua mensagem".

Para que o discurso não permanecesse vazio e somente em palavras, a Igreja de Belo Horizonte tem assumido com destemor as desafiantes Campanhas da Fraternidade. À guisa de exemplo, criou a Casa de Apoio para o menor de Rua (CF 1987), organizou uma Romaria dos Sem Terra em plena cidade e fundou o CASA (Centro de Apoio aos Sem Casa), apoiado por um Fundo Rotativo (CF 1993). No espírito de uma participação efetiva na Política, o Sr. Arcebispo promoveu encontros com os candidatos a prefeito das cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, para expor-lhes com clareza os princípios e exigências éticas da Doutrina Social da Igreja. Nem faltou um apelo aos cristãos sérios e responsáveis para que se candidatassem a fim de melhorar a qualidade política dos representantes do povo nas Câmaras municipais e na administração pública. Sem dúvida, tem havido nesse sentido sensível aprimoramento dos quadros, por influência da presença firme da Igreja na política no seu âmbito próprio.

Entendendo ideologia como "sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social" (L. Dumont), pode-se dizer, segundo o mesmo autor, que "a ideologia moderna é individualista" sob o aspecto sociológico. O best-

seller americano Megatendências apontava como uma das dez tendências para o ano 2.000 o "triunfo do indivíduo" (J. Naisbitt — P. Aburdene). A pesquisa sobre os valores do tempo presente nos países mais ricos conduziu à conclusão de que o valor-sol é a própria pessoa, o indivíduo, que, por sua vez, gira em torno de outro sol maior a busca da felicidade na satisfação de suas necessidades (J. Stoetzel). A pós-modernidade não corrige tal veio da modernidade, mas o reforça de modo que caminhamos cada vez mais para uma sociedade individualista.

A Igreja de Belo Horizonte reage com a **opção por uma Igreja, rede de comunidades**. Nisso, assume o que há de mais sadio na atual sociedade numa busca do comunitário, opondo-se à maré individualista.

A Igreja retoma dessa maneira a inspiração inicial que lhe alimentou as primeiras gerações. Nos Atos dos Apóstolos, posto idealizada, pinta-se uma comunidade de fraternidade, de partilha, de vida (At 1, 42-47; 4, 32-34) que continua, até hoje, atraindo as nossas comunidades. A Igreja, como rede de comunidades, reconhece tanto a diversidade e pluralidade de comunidades com sua relativa independência e autonomia, em oposição a uma centralização redutora, quanto pensa-as articuladas entre si por laços que vão desde a visita pessoal até as conexões da telemática moderna. Em Santo Domingo, nossos bispos, ainda de modo tímido, descrevem utopicamente a paróquia como "comunhão orgânica e missionária", "rede de comunidades" (n. 58). Não chegam a ver toda a Igreja universal como rede de comunidades eclesiais locais, e a Igreja local em forma de rede de comunidades no seu nível. Percebem já a importância da informática na vinculação entre as Igrejas (n. 285). No entanto, o fundamental é uma nova concepção eclesiológica que pensa a Igreja num movimento ascensional de comunidades e não numa verticalidade instituidora.

A terceira opção entra de cheio na onda mais forte da pós-modernidade religiosa. Assistimos a uma "revanche do sagrado na cultura profana" (L. Kolakowski). Verdadeira "chuva de deuses", afirma o mesmo filósofo marxista. Esse surto de espiritualidade, por todas as partes, numa pluralidade estonteante de formas, desnorteia muitos cristãos. Não parece fácil optar lucidamente pela espiritualidade num momento de tanta confusão. No decorrer da história, a Igreja visível viu seus fundamentos abalados por movimentos espiritualistas com o objetivo de criar uma Igreja do Espírito (montanismo, cátaros, albigenses, valdenses etc.), de iniciar um tempo do Espírito (Joaquim de Fiore e sua herança), de fazer dela uma Igreja dos pobres (fraticelli, o movimento dos pobres) e tantos outros. Muitos deles, em vez de renovar a Igreja, ataçaram uma reação de reforço institucional, aumentando o déficit carismático da Igreja católica ocidental.

Por isso, **optar pela espiritualidade** significa um duplo equilíbrio. Não deixar-se envolver pelo engodo espiritualizante, mas tampouco, cair na ten-

tação oposta de enrijecer as estruturas institucionais. A preocupação do Projeto Pastoral é "elaborar, difundir e fortalecer uma espiritualidade autenticamente apropriada aos leigos", a qual lhes proporcione uma verdadeira experiência de Deus. Pretende ser uma espiritualidade que "não se renda à moda de uma espiritualidade vaga, sem referência explícita ao seguimento de Jesus. Espiritualidade que alimente o cotidiano de homens e mulheres no trabalho, na profissão, na vida doméstica e familiar, no casamento e na educação dos filhos, nos compromissos sociais e políticos com a originalidade da vida do cristão fiel no mundo". É o desejo de explicitar e alimentar a experiência de Deus como um "encontro diário pessoal e amoroso com Ele que é nosso Pai e nossa Mãe" (Rosinha Dias: assessora do PPCE). E quando esta espiritualidade, além do mais, é vivida em grupo, articulam-se então as três opções do Projeto: **espiritualidade em comunidade inserida na vida pública da sociedade.**

A Igreja de Belo Horizonte caminhou nesse Projeto para um momento privilegiado que lhe coroou o longo itinerário e está a animar-lhe os anos seguintes. Foi a Assembléia do Povo de Deus, realizada em outubro de 1996. Viveu-a como "um sonho que Cristo sonhou sobre sua Igreja que está em Belo Horizonte", escrevia D. Serafim.

O cardinalato, em termos sacramentais, não acrescenta nada ao episcopado. Mas, projeta o bispo e a sua Igreja para além de seus horizontes pequenos geográficos. Por isso, a Igreja, que lhe é sede, recebe nova aura e insere-se num imaginário maior. Faz-se assim mais agraciada e mais responsável. Tanto mais importante, quando esta Igreja escolheu, na Assembléia do Povo de Deus, ser sinal de três atitudes cristãs básicas, hoje altamente em déficit, traduzidas nos adjetivos: Igreja misericordiosa, participativa e missionária.

São três adjetivos-síntese da pessoa e da Igreja do Cardeal D. Serafim, constituindo, por assim dizer, um horizonte simbólico, um imaginário, um universo de representação de todo o significado dessa investidura que celebramos.

Misericordiosa. Num mundo neoliberal, impiedoso, feito pelos mais fortes e sadios e para eles, ser misericordioso é abrir-se aos menores, aos fracos, aos rejeitados pelo sistema. No momento em que também no seio de igrejas volta a eterna tentação farisaica do rigorismo, da observância literal da lei, da atenção dura e seca às normas, ser misericordioso proclama a imagem mais linda que Jesus nos traçou de seu Pai, acolhendo o filho caçula, convertido, depois dos desvarios de suas zaragalhadas juvenis.

Participativa. Bem quando mais uma vez a exclusão campeia em todos os setores, afastando as pessoas do mundo das decisões, reservado cada vez mais aos técnicos, aos competentes, aos detentores do poder, a Igreja incen-

tiva a participação. Que profecia viva ser um Cardeal presidindo a uma Igreja participativa na contramão dos autoritarismos crescentes!

***Missionária.** A Igreja é chamada a sair de si, quando os guetos internos a seduzem mais do que o lançar-se aos fora da incerteza e da novidade. É desafiada a não temer dizer o nome de Jesus quando se dilui num Cristo matreya da Nova Era de Aquário.*

Depois que se apagarem as luzes dos festejos, voltará o cotidiano simples e anódino, mas onde, aí sim, a púrpura do Cardinalato se arrastará pelo pó dos terrenos dos pobres no gesto que caracteriza a pessoa-entrega e a Igreja-serviço, dando o verdadeiro sentido de tudo o que estamos celebrando.